

## O POÉTICO COMO LUGAR PRIVILEGIADO DA FILOSOFIA

### Incursões sobre a linguagem filosófica e poética

Elzahra M. R. O. Osman

**Resumo:** A Kehre, que inicia a assim chamada segunda fase da filosofia de Heidegger, tornou-se, para a filosofia contemporânea, a principal reconsideração da relação entre filosofia da linguagem e poética, tema fortemente conectado à guinada hermenêutica da ontologia. Antes de querer nos ensinar a pensar, Heidegger nos incita ao reconhecimento de que a linguagem é o lugar originário da experiência do Ser. Assim a linguagem teria prevalência sobre qualquer discurso, mesmo o científico, vindo a se tornar o principal contraponto à metafísica. María Zambrano, como Heidegger, escreverá suas obras na tentativa de compreender a poesia e a filosofia como contrapontos históricos do pensamento e da linguagem, e o mesmo fará Octavio Paz. Para estes pensadores ilustres, a linguagem da metafísica não apenas deveria ser repensada, como também teríamos de construir um pensamento que servisse apenas à linguagem; tal é já perscrutado no lugar ocupado pelo poético, pela linguagem da poesia ou a despeito dela.

**Palavras-chave:** Linguagem. Metafísica. Poesia. María Zambrano. Martin Heidegger. Octavio Paz.

**Abstract:** The Kehre, which starts the so-called second phase of Heidegger's philosophy, became for contemporary philosophy a major rethinking of the relationship between poetry and philosophy of language, theme strongly connected to the turn of the hermeneutic ontology. Before wanting to teach us to think, Heidegger urges to recognize that language is the originating place of the experience of Being. So the language would have precedence over any speech, even scientific, becoming the main counterpoint to metaphysics. María Zambrano, like Heidegger, will write her work in an attempt to understand the poetry and philosophy as historical counterpoints of thought and language, and the same will Octavio Paz. For those illustrious thinkers, the language of metaphysics not only should be reconsidered, but we should build a thought that would serve only to language, which is already scrutinized in the place occupied by the poetic, in the language of poetry or despite of it.

**Keywords:** Language. Methaphysics. Poetry. María Zambrano. Martin Heidegger. Octavio Paz.

La historia del hombre podría reducirse a la de las relaciones entre las palabras y el pensamiento. Todo período de crisis se inicia o coincide con una crítica del lenguaje. Octavio Paz

*No início era o verbo...*

Esta pesquisa se propôs a fazer uma investigação sobre a linguagem; não a dos linguistas, dos antropólogos, dos analíticos, mas da linguagem que diz o Ser. Sendo assim, foi preciso recorrer à tradição do pensamento que se espantou com o fato de que a linguagem era vista apenas como um meio de representação da palavra sobre a coisa, do signo e seu

significante, e a defendeu como lugar de criação e liberdade, deslumbramento e hesitação frente à nomeação, e também como espaço originário onde a experiência humana ainda não havia perdido sua ligação com o sagrado, visto que se encontrava integrada a toda realidade existente, constituindo o inefável e o dito uma mesma equação.

Parece problemático defender o estudo da linguagem senão para conhecimento técnico, como o estudo sobre o surgimento da linguagem humana, sua historicidade; ou para fins analógicos entre as primitivas e as modernas, com fim à “descoberta” de parâmetros similares que conduzissem a uma teoria universal sobre a linguagem. Ou ainda, como o estruturalismo se propôs, a encontrar na linguagem as estruturas simbólicas da experiência humana. No entanto, ainda que problemático, é isso que se fará aqui.

A linguagem como campo de estudo foi objetivada pela Filosofia Analítica, para quem as proposições e enunciados são meios de comunicação que a colocam à disposição do falante: a concepção sobre a linguagem sendo aquela que a percebe como a um utilitário, apenas um fim para a fala, para a comunicação e, finalmente, para o próprio fazer filosófico. Assim, a Filosofia da linguagem tem seu nascimento com os primeiros filósofos analíticos, pois que será a partir das exposições de Ludwig Wittgenstein, o Círculo de Viena e os neopositivistas que a preocupação sobre o que é possível dizer com a linguagem torna-se o basilar empreendimento filosófico do século XX. Será exatamente devido à concepção da linguagem para fins técnicos que, nos pensamentos de virada ou de segunda fase como em Wittgenstein e Martin Heidegger, começa a aparecer o desconforto com a concepção e o consequente uso que se fazia da linguagem. De modo pragmático, com Wittgenstein, ou ultra-hermenêutico, com Heidegger (CABRERA, 2009), a Filosofia vivenciará mais uma de suas muitas crises: existiria um suporte privilegiado para o fazer filosófico (e por suporte entendemos tanto o uso que se faz da linguagem quanto o gênero que a carrega)?

Segundo autores como Manfredo Oliveira (2006), a tradição que percebe a linguagem como problema filosófico está inscrita desde a filosofia de Platão. Provavelmente está também nos pré-socráticos como em Heráclito e suas formas de dizer o ser. No entanto, a partir do estudo da história da Filosofia Ocidental, é improvável falar a partir de/sobre/com a linguagem sem citar o filósofo alemão Martin Heidegger. E sobre isto falaremos exhaustivamente no corpo do presente texto. Neste sentido, a investigação sobre a linguagem a que se propôs este trabalho foi inspirada pelo pensamento do referido filósofo. E pelo fato de que muitos outros autores terem se sucedido a ele, revisando e ampliando suas reflexões, ao ponto de terem reescrito a história da crítica e da teoria literária, vindo a integrar o que se conheceu posteriormente por *filósofos da literatura*. Este trabalho poderia ter sido produzido

com tais herdeiros, mas se optou por trabalhar com outros pensadore(a)s que não sofreram influência direta de Heidegger.

É sabido que María Zambrano, filósofa espanhola que viveu na mesma época que nosso filósofo-referência, deve muito de sua filosofia a outro mestre, também contemporâneo a Heidegger, Ortega y Gasset. Importante notar que tanto este quanto o filósofo alemão se incomodaram com a filosofia que era produzida na Europa do início do século passado. As críticas e as conclusões a que ambos chegam sobre a Filosofia da época, tomada como uma ciência exata, com métodos e fins quantificáveis, são bastante aproximadas. No entanto, será Heidegger quem faz de sua escritura um campo privilegiado para a experiência da linguagem, começada a pensar em *Ser e Tempo* (2008), e radicalizada na sua *Kehre* (segunda fase). A filósofa María Zambrano, seguindo os passos de Ortega y Gasset quanto à crítica à ontologia clássica - o que se convencionou chamar metafísica da presença, heideggerianamente como esquecimento do ser, ou em termos mais simplórios, objetivação do saber e de seu (sua) detentor (a) - produzirá uma filosofia sempre às voltas com o problema da linguagem, e conseqüentemente, com a linguagem que produz e é produzida pela Filosofia. Assim se confrontará, em muitos de seus escritos, com o problema do suporte em Filosofia; usando, para tanto, uma velha querela: a separação ocorrida entre Filosofia e Poesia no início do pensamento filosófico ocidental. María Zambrano é, então, a autora deste último século que nos ajudará a pensar esta suposta cisão, como também os suportes em que ambas operam, e, principalmente, se haveria um *lugar* privilegiado para o ato filosófico.

No entanto, confrontar ambos os autores, e pretender perceber suas diferenças e aproximações, não parecia suficiente. Tanto Heidegger quanto Zambrano veem na poesia o completo oposto da linguagem instrumentalizada no querer dizer, seja ele filosófico ou científico, mas não são poetas *stricto sensu*. Assim, era preciso recorrer àquele que refletisse sobre seu próprio ofício, e tivesse alguma pretensão a pensar a linguagem poética por vias filosóficas; mas não apenas isso, escolhi propositadamente Octavio Paz, Nobel mexicano de Literatura, e renomado ensaísta, por reconhecer em seus escritos certa aproximação com o pensamento tanto de Zambrano quanto com o de Heidegger. O desafio intelectual tornou-se maior, portanto, já que além de perscrutar a concepção sobre a linguagem nos referidos autores, seria necessário perceber se o lugar de onde falavam, se a partir da filosofia ou desde a poesia, trariam conclusões diferentes sobre a linguagem poemática e o pensamento filosófico.

Assim trabalharemos com autores que percebem a linguagem para além da sua tecnicização, significando isso que a linguagem não será estudada naquela que se configurou como sendo sua exclusiva função, a comunicação. Tais autores reconhecem-na como a principal instância de revisão do pensamento contemporâneo, já que advogam que é a partir da linguagem que o discurso, e a realidade que este engendra, constrói-se e desconstrói-se continuamente e ao mesmo tempo. Isso porque a linguagem é tida também pelo seu vacilo em comunicar, pelos muitos inomináveis da experiência humana, pelo nominado que não abre a coisa para o seu ser, pelo não-dito desde o dito, pela criação do existente humano, pela liberdade oferecida a seu falante a cada ato de fala, pelo incrível que é sua existência e o que ela cria, por ser inescrutável, mas ainda sim oferecer-se à investigação. E por que buscar a compreensão sobre o que não é ouvido ou considerado seria importante senão devido ao fato de que tal existe a despeito de nosso conhecimento, conformando nossas experiências, relegando o vivido para um lugar de não-existência, enquanto continua a operar...? Finalmente, é possível responder a pergunta, o que é a linguagem? Por que a poesia teria algo a dizer sobre ela? Por que a filosofia quer dizer algo sobre a Poesia? É sobre essas questões que tangenciaremos nas páginas seguintes.

### *Adentrando à Linguagem*

Ser un gran pintor quiere decir ser un gran poeta: alguien que trasciende los límites de su lenguaje. Octavio Paz

Faz-se necessário trazer a este presente artigo algumas das considerações textuais dos autores e da autora em questão sobre a linguagem, já que será a partir destas mesmas tentativas de aproximação a esta espantosa questão, que pensaremos a relação entre linguagem, poesia e filosofia.

Importante observar, mais de uma vez, que a suposta relação existente entre tais entidades é sugerida tanto por Heidegger, quanto por Zambrano e Paz. Sendo assim, para estes autores, não há que se pensar a filosofia, sem pensar a linguagem, ou pensar a poesia sem a filosofia. Considerando a escritura destes autores, aparecerão observações comuns e bastante intuitivas sobre a relação entre a linguagem e a poesia, por exemplo. E digo intuitivas porque dizer a linguagem por meio da linguagem sem querer se ver enredado por ela, ou querer dizer o que é a poesia, sem incorrer no poético, é incidir no erro metafísico que os nossos autores querem evitar. Sendo assim, as assertivas destes autores estão longe de se enquadrarem dentro de uma investigação de caráter científico “se considerarmos o que a partir

de agora ensaiaremos dizer como uma sequência de enunciados sobre a linguagem, isso não passará de uma série de afirmações cientificamente indemonstradas e indemonstráveis sobre a linguagem” (HEIDEGGER, 2008, p. 191).<sup>1</sup>

Daí, por exemplo, encontrarmos entre eles a negação da oposição bastante difundida entre a linguagem discursiva e a linguagem poética. A primeira geralmente concebida como o legado da Filosofia para a Ciência, espaço onde se constrói o conhecimento e a comunicação; enquanto que a poesia é gozo artístico. Estes autores enfrentaram tal problema pela análise da unidade mínima da linguagem, que às vezes será a palavra, outras a linguagem poemática como fundamento último da linguagem, ou ainda o discurso que a linguagem engendra entrelinhas, ou seja, a despeito do que suas palavras *queiram* dizer.

Vejamos um trecho do Ensaio, *O Arco e a Lira* de Octavio Paz:

La forma más alta de la prosa es el discurso, en el sentido recto de la palabra. En el discurso las palabras aspiran a constituirse en significado unívoco. Este trabajo implica reflexión y análisis. Al mismo tiempo, entraña un ideal inalcanzable, porque la palabra se niega a ser mero concepto, significado sin más. Cada palabra —aparte de sus propiedades físicas— encierra una pluralidad de sentidos. Así, la actividad del prosista se ejerce contra la naturaleza misma de la palabra. (...) En el poema el lenguaje recobra su originalidad primera, mutilada por la reducción que le imponen prosa y habla cotidiana. La reconquista de su naturaleza es total y afecta a los valores sonoros y plásticos tanto como a los significativos. La palabra, al fin en libertad, muestra todas sus entrañas, todos sus sentidos y alusiones, como un fruto maduro o como un cohete en el momento de estallar en el cielo. El poeta pone en libertad su materia. El prosista la aprisiona (PAZ, 1996, p. 16).

De acordo com Paz, a tentativa de dizer algo com a linguagem não significa que será possível aprisioná-la dentro de uma possibilidade estável de significado. O poder da linguagem é maior do que a do seu portador, e será tanto maior se o poema for o suporte desta linguagem. Para Zambrano, a linguagem possuiria este mesmo efeito construtor e devastador sobre o humano. No entanto, para não querer naturalizar a linguagem, Zambrano apela para a *palavra* como o fundamento último da linguagem, lugar onde ela ainda não estava historicizada, e onde se encontraria a *palavra perdida*, a palavra sagrada, anterior ao tempo discursivo divinizado pela razão.

Antes de que tal uso de la palabra apareciera, de que ella misma, la palabra, fuese colonizada, habría sólo palabras sin lenguaje propiamente. Al ser humano le ha sido permitido, fa-talmente, colonizarse a sí mismo; su ser y su haber. Y de haber sido esto el verdadero argumento de su vivir sobre la tierra, la palabra no le habría sido dada,

<sup>1</sup> Ensaio: *O caminho para a linguagem*.

confiada. El lenguaje no la necesita, como hoy bien se sabe de tantas maneras (ZAMBRANO, 1986, p. 81).

Mesmo no não compreendido da linguagem e de sua fala, apenas no som que ela emite, ou finalmente, pelo seu silêncio, ela, a linguagem, constitui a experiência do pensamento, onde o acontecer do ser dá-se na linguagem. Daí Zambrano afirmar que a palavra é anterior à linguagem, e ter sido colonizada, conformando o ser, pelo humano.

A linguagem é sibilante, e disto temos notícia quando escrevemos, quando falamos, quando nos expressamos numa língua que não é a nossa, quando deixamos que a linguagem guie a nossa fala, já que não somos nós quem a guiamos. Quem já escreveu um poema reconhece o poder de uma instituição anterior ao homem, mas em constante fundamento pela fala. Assim que a linguagem é e ao mesmo tempo não pode ser:

La esencia del lenguaje es simbólica porque consiste en representar un elemento de la realidad por otro, según ocurre con las metáforas. La ciencia verifica una creencia común a todos los poetas de todos los tiempos: el lenguaje es poesía en estado natural. Cada palabra o grupo de palabras es una metáfora. Y asimismo es un instrumento mágico, esto es, algo susceptible de cambiarse en otra cosa y de transmutar aquello que toca: la palabra pan, tocada por la palabra sol, se vuelve efectivamente un astro; y el sol, a su vez, se vuelve un alimento luminoso. La palabra es un símbolo que emite símbolos. El hombre es hombre gracias al lenguaje, gracias a la metáfora original que lo hizo ser otro y lo separó del mundo natural. El hombre es un ser que se ha creado a sí mismo al crear un lenguaje (PAZ, 1996, p. 21).

Não existe linguagem natural no sentido de que a linguagem constituiria uma natureza humana, isenta de destino, simplesmente dada e existente. Toda linguagem é um envio histórico, mesmo quando o homem não conhece a história, no sentido moderno europeu. Também a linguagem como informação não é a linguagem em si, mas envio histórico do sentido e dos limites da época, uma época que não inaugura o novo, que somente leva ao extremo o velho, o já prelineado na Modernidade (HEIDEGGER, 2008, p. 213)<sup>2</sup>. Daí Heidegger pressentir na linguagem o abismo de uma falta de sentido, de fundamento último. A linguagem é o último fundamento onde não pode haver fundamento último. Esta seria a concepção heideggeriana de linguagem, ainda que criação do humano, não podemos dizê-la sem nos dizer, nela já estamos enredados:

Somos, antes de tudo, na linguagem e pela linguagem. Não é necessário um caminho para a linguagem. Um caminho para a linguagem é até mesmo impossível, uma vez que estamos no lugar para o qual o caminho deveria nos conduzir. Mas será que estamos mesmo neste lugar? Será que somos e estamos na linguagem a ponto de fazermos a

---

<sup>2</sup> Ensaio: *O caminho para a linguagem*.

experiência de sua essência, de a pensarmos como linguagem, percebendo, numa escuta, o próprio da linguagem? Será que já estamos na proximidade da linguagem mesmo sem uma ação nossa? Ou será o caminho para a linguagem como linguagem o mais longo e extenso que se pode pensar? E não apenas o mais longo, mas também o mais cheio de obstáculos oriundos da própria linguagem tão logo tentamos pensar, genuinamente e sem desvios, a linguagem no que lhe é próprio? (HEIDEGGER, 2008, p. 191/192)<sup>3</sup>

A linguagem dispõe do humano enquanto delimita suas possibilidades de experiência. O ser não é outra coisa que o dar-se na linguagem, o evento do ser e da linguagem é o mesmo.

### *Ser e linguagem*

A linguagem é a casa do ser.  
Martin Heidegger

Não nos parece estranho que para os dois autores e a autora em análise *Ser e linguagem* sejam intercambiáveis. Mas sim que apenas em Heidegger haja a preocupação em justificar a relação entre ambos. Tanto para Zambrano quanto para Paz, tal aparecerá como um dado em seus textos. O questionamento sobre o fato de que as ontologias existentes até então ignoravam a importância da linguagem quando pretendiam dizer o Ser não ocorre em seus escritos, pois fica subentendido que não há como se falar em Ser e não perscrutá-lo como linguagem.

Sendo assim, parece haver uma clara adesão à crítica da metafísica engendrada pela filosofia contemporânea. Bastaria citar o *Fim da Filosofia* (1983) para Heidegger, o fim do pensamento em Agamben (2004), o império do significante em autores como Derrida, Blanchot e Lacan, a busca desenfreada pelo devir observada em Deleuze e Guatarri: tais autores estão reclamando aquilo que a metafísica deixou de fora quando pretendeu dizer o Ser. Para eles, junto com Heidegger, a metafísica buscou o ser pela identidade através da alegação de que a fórmula lógica que diz  $A=A$  poderia ser transposta para a experiência do pensamento. Para Heidegger, a *diferença ontológica* entre ser e ente é a de-cisão desocultante-ocultante: o mesmo é percebido através da di-ferença, e não a despeito dela; naquilo que faz o ser se desvelar e velar encontra-se a possibilidade da diferença, que é reconhecida por ser parte integrante do ser: “acontecem como fenômenos enquanto são assim diferenciados a partir do mesmo, a partir da di-ferença” (HEIDEGGER, 2006, p. 70) (...) “enquanto procuramos

---

<sup>3</sup> Ensaio: *O caminho para a linguagem*.

considerar a diferença enquanto tal não a conseguimos fazer desaparecer, mas a perseguimos na sua origem essencial” (ibidem).

Para que fique menos abstrato, e mais palatável, usemos um exemplo do próprio autor: a questão do fundamento em Heidegger (2006), como abordado em *Identidade e Diferença* será nosso mote de compreensão de como a metafísica entificou o ser do ente. Analisemos o seguinte excerto:

O que é assim designado remete nosso pensamento para o âmbito que não pode mais ser dito pelas palavras-guias da metafísica, ser e ente, fundamento-fundado. Pois, o que estas palavras designam, o que representa o modo de pensar por elas orientado, nasce como o diferente da diferença. A origem da diferença não mais se deixa pensar no horizonte da metafísica (HEIDEGGER, 2006, p. 74)<sup>4</sup>.

Ora, a metafísica alega um saber mais primitivo e total sobre o Ser, portanto, quer encontrar a verdade em seu próprio fundamento. A oposição realizada por aquilo que funda o ser, distinguindo-o de si mesmo, constituirá o problema irremediável da metafísica. Na medida em que a metafísica diz o que é, ela pensa deixar de fora a diferença do ser. Zambrano aponta na metafísica a mesma pretensão da verdade observada nas assertivas de Heidegger. A isto ela dará o nome de *metafísica da criação*:

Na ordem do conhecimento quer-se encontrar a fundamentação da ciência, isto é, do conhecimento que já se possui, mas que, pelo visto, não basta possuí-lo se não se possui desde a última raiz. Trata-se, realmente, de um conhecimento ambicioso. Pois, na realidade, chegar à fundamentação do conhecimento é tanto como saber das coisas o que se saberia se nós as tivéssemos criado. É conhecer desde a própria raiz do ser. É conhecer absolutamente (ZAMBRANO, 2000, p. 105)<sup>5</sup>.

No entanto, o que Heidegger e Zambrano querem nos mostrar, é que isto que ela (a metafísica) pensa deixar de fora ao fazer a distinção entre os iguais e os diferentes na verdade não ocorre, já que o ser carrega consigo a de-cisão cortante, o próprio traço da sua diferença: ser e ente, aquilo que é e seu fundamento não são separáveis. O único logro da metafísica teria sido erigir seu império sob o alijamento da linguagem. O que não significa dizer que a linguagem ou a palavra não carregue seu fundamento originário, o que lhes permitiu vir a ser, e que é vislumbrado pelo ser, pois que o próprio da palavra é ter dado origem ao humano:

**LA PALABRA**<sup>6</sup> que un ser humano guarda como de su misma sustancia, aunque la aprendiera o la formara él mismo un día. La que no se dice porque el decirla la

<sup>4</sup> Ensaio: *Identidade e Diferença*.

<sup>5</sup> Ensaio: *Poesia e Metafísica*.

<sup>6</sup> Grifo do autor



desdeciría también al darla como nueva o al enunciarla, como si pudiera pasar; la palabra que no puede convertirse en pasado y para la que no se cuenta con el futuro, la que se ha unido con el ser (ZAMBRANO, 1986, p. 88).

Assim, para além das assertivas de que a linguagem funda a existência humana, que define a experiência desta com o mundo, e de que é a realidade última do ser, ser e linguagem não apenas se confundem como conceito, mas não podem ser vislumbrados separadamente, como ocorreu ao longo da tradição da onto-teo-logia filosófica:

O lugar onde se captura a relação do ser com o humano é a linguagem. O evento do ser e da linguagem é um mesmo evento. O ser humano não seria humano se lhe fosse recusado falar incessantemente e por toda parte, variadamente e a cada vez, no modo de um “isso é”, na maior parte das vezes, impronunciado. À medida que a linguagem concede esse sustento, a essência do homem repousa na linguagem (HEIDEGGER, 2008, p. 191)<sup>7</sup>.

A relação entre ser e linguagem ocorre pela impossibilidade de pensá-los separadamente. O recurso utilizado para se apontar a esta suposta indiferenciação é trazer a poesia à fala demonstrando o que ela possui de originário e criativo, apontando para o fato de ser ela a primeira fala dos humanos, constituidora de toda realidade existente, e, portanto, do ser:

La poesía vive en las capas más profundas del ser, en tanto que las ideologías y todo lo que llamamos ideas y opiniones constituyen los estratos más superficiales de la conciencia. El poema se nutre del lenguaje vivo de una comunidad, de sus mitos, sus sueños y sus pasiones, esto es, de sus tendencias más secretas y poderosas. El poema funda al pueblo porque el poeta remonta la corriente del lenguaje y bebe en la fuente original. En el poema la sociedad se enfrenta con los fundamentos de su ser, con su palabra primera. Al proferir esa palabra original, el hombre se creó. Aquiles y Odiseo son algo más que dos figuras heroicas: son el destino griego creándose a sí mismo. El poema es mediación entre la sociedad y aquello que la funda. Sin Homero, el pueblo griego no sería lo que fue. El poema nos revela lo que somos y nos invita a ser eso que somos (PAZ, 1996, p. 23).

### *Linguagem e Poesia*

He tenido el proyecto de buscar los lugares decisivos del pensamiento filosófico, encontrando que la mayor parte de ellos eran revelaciones poéticas. Y al encontrar y consumirme en los lugares decisivos de la poesía me encontraba con la filosofía. María Zambrano

Para os poetas modernos, e mesmo para os filósofos pós-*virada linguística*, não parece novidade alguma pensar a poesia desde uma perspectiva sobre a linguagem. A poesia

---

<sup>7</sup> Ensaio: *O caminho para a linguagem*.

moderna, desde Rimbaud, Baudelaire, Valéry, citando os franceses, ou ainda e. e. cummings, Gertrude Stein, entre os americanos, Stefan George, Paul Celan, entre os alemães, tornou o poema nada mais que o pretexto de uma metalinguagem. A assertiva largamente ouvida de que os poetas escrevem apenas para os poetas parece ser comum até hoje. Em grande medida, a crítica especializada tende a considerar o poema sendo poético se, para além da formação de imagens ou da criação de metáforas, o poema possa dizer entrelinhas o motivo de cada uma de suas palavras estarem naquele lugar, naquela sintaxe, e constituindo aquela exata forma. E os motivos disso seriam dois: o fato de uma maior consciência sobre a linguagem ter ressurgido no último século, e o fato de a poesia, seja ela moderna ou não, oferecer ao leitor o mesmo espanto que teria oferecido ao escritor enquanto este se consumava em criá-la: “la lectura del poema ostenta una gran semejanza con la creación poética. El poeta crea imágenes, poemas; y el poema hace del lector imagen, poesía” (PAZ, 1996, p. 18).

Basta que tenhamos em mãos o testemunho de tradutores (como o de Haroldo de Campos (CAMPOS; PAZ, 1986) que transformou *Blanco* de Octavio Paz na tradução para o português em *Transblanco*) ou mesmo de poetas: a função poética é própria à linguagem, à palavra, e ao ato poético em si, ela está sempre latente na linguagem, é percebida na medida em que não adianta conhecer o significado de uma palavra em outra língua, ou compreender a pragmática em que aquela palavra está sendo usada:

Palabras, sonidos, colores y demás materiales sufren una transmutación apenas ingresan en el círculo de la poesía. Sin dejar de ser instrumentos de significación y comunicación, se convierten en «otra cosa». Ese cambio —al contrario de lo que ocurre en la técnica— no consiste en abandonar su naturaleza original, sino en volver a ella. Ser «otra cosa» quiere decir ser «la misma cosa»: la cosa misma, aquello que real y primitivamente son (PAZ, 1996, p. 16)

En los venturosos pasajes de la poesía y del pensamiento, aparecen inconfundiblemente entre las del uso, siendo igualmente usuales. Mas ellas saltan diáfananamente, promesa de un orden sin sintaxis, de una unidad sin síntesis, aboliendo todo el relacionar, rompiendo la concatenación a veces. Suspendidas, hacedoras de plenitud, aunque sea en un suspiro (ZAMBRANO, 1986, p. 82).

Como observado nos excertos acima, de Paz e Zambrano, a poesia é outra coisa que signos ou materialidade da linguagem, ela é o que a transforma, o que tira a linguagem de sua tecnificação e a devolve ao seu lugar originário. A linguagem poética é a que movimentada a linguagem sempre para um novo lugar, o que vem a transformar o largamente conhecido em estranho, para depois se tornar comum novamente. Neste sentido, a poesia tem a função de renovação da linguagem. Daí ouvirmos que a literatura é o espaço de construção de mundos. O que faz sentido se pensarmos que o grego de Homero, o inglês de Shakespeare, o português

de Camões e o espanhol de Cervantes nascem como línguas poéticas estranhas à comunidade e passam a ser a linguagem cotidiana até hoje.

Seria redundante afirmar que tanto Paz quanto Heidegger possuem a mesma intuição quanto ao lugar do poético, que julgam encontrar no poema, mas não o é, visto que por muito tempo a concepção sobre a poesia esteve ligada ao poema propriamente dito e às metáforas e suas possibilidades de formação de imagens que estabelecem em cada ouvinte.

Heidegger elege o lugar do poético como sendo o poema, o lugar onde a linguagem fala, ainda que a linguagem que se remeta ao originário não tenha prevalência na linguagem poemática: “o que se opõe ao puramente dito, ao poema, não é a prosa. Prosa em sentido puro nunca é “prosaica”. A prosa é tão poética e, por isso, tão rara como a poesia (HEIDEGGER, 2008, p 24)<sup>8</sup>. A linguagem que nos fala e diz sobre nós, e com a qual tentamos dizer o mundo, é perceptível em sua essência por meio do poema, lugar onde a liberdade languageira se faz presente. A correspondência do ser com a linguagem é algo que está mais próximo da poesia e do pensamento que da filosofia:

Mas pelo fato de a poesia, em comparação com o pensamento, estar de modo bem diverso e privilegiado a serviço da linguagem, nosso encontro que medita sobre a filosofia é necessariamente levado a discutir a relação entre pensar e poeitar. Entre ambos, pensar e poeitar, impera um oculto parentesco porque ambos, a serviço da linguagem, intervêm por ela e por ela se sacrificam. Entre ambos, entretanto, se abre ao mesmo tempo um abismo, pois “moram nas montanhas mais separadas” (HEIDEGGER, 1983, p. 23)<sup>9</sup>.

Linguagem e poesia não são apenas um mote para o fazer filosófico. Sem a poesia não se pode discutir o estatuto da linguagem, e sem a compreensão da importância da linguagem não há como produzir uma filosofia correspondente ao Ser. A correspondência do pensamento ao Ser é atividade da linguagem, e por correspondência Heidegger entende a não ocorrência no erro metafísico: querer *dizer* o ser, e ao fazê-lo, e por não compreendê-lo como linguagem, entificar o ser do ente. Parece claro (o quê em questão a Heidegger é sempre temeroso) de que não será em qualquer lugar que poderemos encontrar o *logos* perdido, aquele que fazia par com o sagrado, já que a filosofia contemporânea não parece viver o momento epocal para tanto.

---

<sup>8</sup> Ensaio: *A linguagem*.

<sup>9</sup> Ensaio: *Que é isto – A Filosofia?*

Paz também concebe o poema como este lugar privilegiado da linguagem e do poético, como observado no excerto abaixo:

Lo poético es poesía en estado amorfo; el poema es creación, poesía erguida. Sólo en el poema la poesía se aísla y revela plenamente. Es lícito preguntar al poema por el ser de la poesía si deja de concebirse a éste como una forma capaz de llenarse con cualquier contenido. El poema no es una forma literaria sino el lugar de encuentro entre la poesía y el hombre. Poema es un organismo verbal que contiene, suscita o emite poesía. Forma y substancia son lo mismo (PAZ, 1996, p. 13).

Há que se perguntar se podemos conceber o fato de que a poesia (o poético) possa ser encontrada anteriormente à linguagem e ao poema, pois que os múltiplos fragmentos encontrados nos textos de Paz nos permitem tal interpretação. Ou deveríamos conceber a poesia e o poético como instâncias desiguais, ainda que complementares? A poesia só poderia ser encontrada no poema, e o poético viria a ser a concepção abstrata de um devir poemático? Tal questão não é leviana se considerarmos que o *ser que é linguagem é poesia*, e, portanto, poderia ser encontrado em outras formas que não apenas no poema. Também, se pensarmos na assertiva paziana, não é o conteúdo que o poema explicita que faz dele o lugar do poético, ou o fato de a poesia estar circunscrita dentro de um poema, já que “o poema não é uma forma literária senão o lugar de encontro entre a poesia e o homem”.

Em Zambrano há uma diferença sutil em relação aos outros dois autores: linguagem para a filósofa é nada mais que história, enquanto que o que está perdido é a palavra, detentora de todo poder criador, anterior à linguagem, à fala, legado do próprio silêncio, o motivo, enfim, do poema. Daí para Zambrano o poético não estar ligado necessariamente ao poema ou à linguagem poemática, já que ele é facilmente observável mesmo nos discursos filosóficos ou no silêncio que antecede a poesia. A palavra é a unidade mínima e mais importante da linguagem, ela nos remete ao lugar do sagrado, anterior ao lugar do divino que transforma a palavra em discurso. No sagrado o som é compartilhado e transformador como o som da natureza ou dos animais, ele é anterior à fala, ele apenas existe, mas essa existência é conformadora de todo o resto.

A poesia primeira que nos é dado conhecer é linguagem sagrada, antes a linguagem própria de um período sagrado anterior à história, verdadeira pré-história. Palavras sagradas que hoje ouvimos ainda nas fórmulas da Religião; mas elas para o crente não são poesia mas misteriosa verdade. A **palavra**<sup>10</sup> sagrada é operante, activa antes de mais nada; verifica uma ação indefinível, porque não é um ato determinado e concreto, mas algo mais; algo infinitamente mais precioso e importante, acção, pura, libertadora e

---

<sup>10</sup> Grifo da autora

criadora, com o qual a poesia guardará sempre parentesco (ZAMBRANO, 2000, p. 43)<sup>11</sup>.

### *O lugar do Poético na Filosofia*

Qualquer filosofia pode ser poética ainda que não versificada. E para prová-lo não precisaríamos de uma investigação filosófica. Restaria então nos perguntarmos por que procurar o lugar do poético na filosofia. Se ainda não ficou claro do que já foi dito, vamos ao ponto: o poético é o lugar privilegiado do fazer filosófico tendo em vista a unanimidade, entre os autores estudados, quanto à relação de poder que a palavra poemática exerce sobre o Ser, e, portanto, sobre o pensamento. A poesia é para nossos autores o contato com o primitivo e com o arcaico perdido na modernidade. Haveria um pensamento não-redutor, desgastado com o tempo e escondido pela violência do gesto filosófico. Querem que às coisas sejam devolvidas sua fala originária, e esta estaria na poesia.

A Filosofia separou-se rapidamente da Poesia, - que velocidade vertiginosa no espaço percorrido desde o venerável poema de Parmênides à antipoética prosa de Aristóteles! Mas, filha da Poesia, a Filosofia veio criar nos seus momentos de maturidade, na plenitude da posse de si mesma, uma forma em que a antiga unidade reaparece, embora irreconhecível de imediato. O sistema, a forma fechada do sistema, tem com o poema uma relação muito maior do que os poetas rancorosos e os filósofos depreciativos quiseram dar a entender. Na realidade, a distância entre poetas e filósofos foi tanta, tanta a vontade de discórdia, que nem sequer se salientaram as diferenças. Pois as diferenças só têm lugar sobre uma comunidade anterior. A poesia ressentida perante a objectividade da Filosofia, e esta embriagada de absoluto, não entraram sequer em semelhante discussão; discussão com os poetas como Platão fez, mesmo com tanta crueldade, é confessar publicamente uma subordinação (ZAMBRANO, 2000, p. 48/49)<sup>12</sup>.

Ora, sabemos que a razão substitui um lugar ocupado pela poesia, que era um lugar sagrado, de homens e mulheres dotados de poderes mágicos, apenas porque usavam a palavra como o fazia um profeta: a palavra era corporizada e o poder emanava deste corpo falante. O profeta detinha a total autoridade sobre o saber, até o momento em que a razão substitui a fala mágica, tornando-se o espaço de reflexão e deliberação comuns. Interessante notar que Zambrano nos dá notícia de tal fato ao conceituar sua concepção de palavra poética, mediada por uma razão própria ao corpo (a razão poética), enquanto que à Filosofia teria restado apenas o discurso e uma linguagem historicizada pelo pensamento conceitual. Ao

---

<sup>11</sup> Ensaio: *Apontamentos sobre o Tempo e a Poesia*.

<sup>12</sup> Ensaio: *Poesia e Sistema*.

compararmos um tratado filosófico com o poema sobre o ser de Parmênides, fica latente a que diferença os nossos autores se debruçam. Na verdade, a **di-ferença** aqui pode ser vista desde o ponto de vista de Heidegger: o tratado e o poema não precisam ser tão diferentes se estivermos aptos a escutar a poética do que se diz no tratado, e a filosofia da fala do poema. Assim a poesia teria sim um lugar privilegiado na ontologia existencial de Zambrano, e claro, de Heidegger também. Isso porque a poesia é que lega à linguagem algo de originário e fundante. Como nos diz Heidegger, “o que dura, fundam-no os poetas”. A poesia traria um saber mais completo e amplo do que qualquer outra possibilidade de conhecimento:

E isto, que o filósofo devia ter sabido, soube-o o poeta. Não porque ao poeta não lhe importasse a unidade, mas sempre soube que nunca a conseguiria a não ser saindo de si, entregando-se, esquecendo-se. (...) A poesia é um abrir-se do ser para dentro e para fora, ao mesmo tempo. É um ouvir no silêncio, e um ver na escuridão (ZAMBRANO, 2000, p. 128)<sup>13</sup>.

Ao menos, de algum modo, fomos levados a acreditar que no passado filosofia e poesia caminhavam juntas e que hoje também poderia sê-lo. Na verdade, este trabalho foi um empreendimento em direção à pergunta há onde a poesia? Onde encontrá-la quando o poema não é necessariamente sua morada, quando a linguagem, sendo a morada do ser, é o lugar mais apropriado para o saber poético, mas impossibilitada de dizer tanto quanto o silêncio? Ao menos, em relação a esta questão, não há falácia: a poesia não é um lugar para onde se vai, a descoberta de um tesouro perdido no tempo e no espaço, não é uma viagem, nem de chegada, nem de partida, ela é a palavra que também pode substituir outra, de pouco apelo poético, a palavra experiência.

El equívoco de toda filosofía depende de su fatal sujeción a las palabras. Casi todos los filósofos afirman que los vocablos son instrumentos groseros, incapaces de asir la realidad. Ahora bien, ¿es posible una filosofía sin palabras? Los símbolos son también lenguaje, aun los más abstractos y puros, como los de la lógica y la matemática. Además, los signos deben ser explicados y no hay otro medio de explicación que el lenguaje. Pero imaginemos lo imposible: una filosofía dueña de un lenguaje simbólico o matemático sin referencia a las palabras. El hombre y sus problemas —tema esencial de toda filosofía— no tendrían cabida en ella. Pues el hombre es inseparable de las palabras. Sin ellas, es inasible. El hombre es un ser de palabras. Y a la inversa: toda filosofía que se sirve de palabras está condenada a la servidumbre de la historia, porque las palabras nacen y mueren, como los hombres. Así, en un extremo, la realidad que las palabras no pueden expresar; en el otro, la realidad del hombre que sólo puede expresarse con palabras (PAZ, 1996, p. 20).

---

<sup>13</sup> Ensaio: *Poesia*.

O dito do poema nomeia o mundo, o traz para o mundo através de um mostrar. Não porque pré-exista um mundo anterior à linguagem, mas porque somente através da linguagem sabemos do mundo. Esta é a saga da linguagem e a saga do ser. “A poesia diz-se e ouve-se”<sup>14</sup>, ao mesmo tempo. Enquanto é uma nomeação, é uma evocação, o desvelamento do ser, “(...) evocar é retirar o que se evoca da distância que o resguarda quando é evocado. Evocar é sempre provocar e invocar, provocar a vigência e invocar a ausência” (HEIDEGGER, 2008, p 16)<sup>15</sup>, ao mesmo tempo, pois o ser quando desvela, vela, quando se abre, se fecha; quando nomeia abre para o ser, “(...) a linguagem fala dizendo, ou seja, mostrando” (HEIDEGGER, 2008, p 2)<sup>16</sup>, contudo traz com ela o não dito, o que de ausente carrega pela evocação. Nomear é também esquecer.

### Referências Bibliográficas

AGAMBEN, G. *Fim do Pensamento*. TERCEIRA MARGEM: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras, Pós-Graduação, Ano IX, nº 11, 2004. 200p.

APEL, K-O. *Transformação da Filosofia, volume 1: filosofia analítica, semiótica e hermenêutica*. São Paulo: Editora Loyola, 2000.

CANTINHO, Maria João. *A dança da metamorfose*. Conferência sobre María Zambrano. Também disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos-pdf902/a-danca-metamorfose/a-danca-metamorfose.shtml>.

CABRERA, J. *Margens da filosofia da linguagem*. Brasília: Editora UnB, 2009.

CAMPOS, H; PAZ, O. *Transblanco: em torno a Blanco de Octavio Paz*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

CÁRDENAS, Marcela. *El mono gramático. Language y language poético*. Disponível em: <http://www.javeriana.edu.co/biblos/tesis/csociales/tesis06.pdf>

HEIDEGGER, M. *Conferências e Escritos Filosóficos*. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983 ( Os Pensadores).

---

<sup>14</sup> Título de um poema de Octavio Paz.

<sup>15</sup> Ensaio: *A linguagem*.

<sup>16</sup> Ensaio: *A caminho da linguagem*.

\_\_\_\_\_. *A caminho da linguagem*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Ed. Univ. São Francisco, 2003.

\_\_\_\_\_. *A origem da obra de arte*. In: MOOSBURGER, Laura de Borba. “A origem da obra de arte” de Martin Heidegger: tradução, comentários e notas. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2007.

\_\_\_\_\_. *Ser e tempo*. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

HENRIQUES, Fernanda. *María Zambrano e a razão poética: um pensar contemplativo*. Disponível em: <http://home.uevora.pt/~fhenriques/textos- filocont/Mar%EDa%20Zambrano-um%20pensar%20contemplativo.pdf>.

GUZMÁN, Carmen Revilla. *Acerca del lenguaje de la razón poética*. Revista Signos Filosóficos, n. 9, enero-julio, 2003, 81-98. Também disponível em: <http://148.206.53.230/revistasuam/signosfilosoficos/include/getdoc.php?id=236&article=223&mode=pdf>

MACIEL, Maria Esther (org.). *A palavra inquieta: homenagem a Octavio Paz*. Belo Horizonte: Autêntica : Memorial da América Latina, 1999.

NUNES, B. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. *Introdução à filosofia da arte*. São Paulo: Ática, 2000.

OLIVEIRA, M. A. *A reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

PAZ, O. *Signos em rotação*. 3. ed. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1996.

\_\_\_\_\_. *El arco y la lira*. La casa de la presencia. Obras completas. 3. ed. México: Fondo de Cultura, 1999.

VATTIMO, G. *Heidegger y la poesía como ocaso del lenguaje*. Traducción de Juan Carlos Gentile Vitale, revisión técnica de Fina Birulés em VATTIMO, G., Más allá del sujeto. Nietzsche, Heidegger y la hermenéutica, Paidós, Barcelona, 1992.

\_\_\_\_\_. *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. Tradução de Eduardo Brandao. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZAMBRANO, María. *Filosofía y Poesía*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1996.

\_\_\_\_\_. *Claros del Bosque*. Primera edición en Biblioteca de Bolsillo: septiembre 1986. Barcelona: Editorial Seix Barral.

\_\_\_\_\_. *A metáfora do coração e outros escritos*. 2.ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 2000.